

USO ENFÁTICO-DISCURSIVO DE LÁ E CÁ NO PE

Uma análise com base em dados ficcionais

FRANCESCO MORLEO
UNIVERSITÀ DEL SALENTO

Abstract – The study of deixis consists in a prolific field for the development of functional and pragmatic studies and, also, for the study of the relation between syntax and pragmatics. The observation of verbal activity allows us to understand that the value of an utterance may vary according to the context in which it is produced. Therefore, we can insert the investigations on the linguistic deixis as a process of reference of the language through which the users share contextual information within the group of studies dedicated on the interaction between interlocutors. The linguistic acts are the result of a set of textual and extratextual elements in which the linguistic choices play the main role for the success of the linguistic acts themselves. From the textual point of view, the pragmatic aspects are based on syntactic constructions delineated by the literature in this field (Martins 2012). Here we propose an analysis of the locatives *Lá* and *Cá* as elements denoting discursive deixis, that is, as pragmatic elements displaying a relation with the denotation of emphasis in European Portuguese (EP). The study of locatives in EP based on the data from I-Fala corpus (under construction) offers the possibility of confirming the analyses proposed in some recent works, namely Martins (2010, 2012). As argued in Martins (2010, 2012), *Cá* and *Lá* behave similarly when it comes to allowing users to achieve their own communicative goals, some of which being the expression of argumentation or metalinguistic negation. Thus, in view of these observations and considering the data collected from I-Fala, we will propose an analysis according to which *Lá* and *Cá* function as discursive markers, i.e. as emphatic-textual, interactional metalinguistic operators.

Keywords: Portuguese; deixis; pragmatics; locatives; filmic language.

1. Introdução

No âmbito dos estudos funcionais e pragmáticos sobre as línguas românicas, é importante o estudo da deixis como parte da língua que se põe entre o plano interpessoal e o plano textual da elaboração linguística. Uma simples observação da atividade verbal no seu contexto permite-nos entender que ao usar a língua podemos transmitir mais do que dizemos; como escreve Faria (2004) os atos linguísticos são o resultado de um conjunto de elementos linguísticos e para-linguísticos de que fazem parte também caretas, silêncios, frases aparentemente sem sentido, e assim por diante. No âmbito destes estudos pragmáticos podemos inserir as investigações sobre a deixis linguística como um processo de referenciação da língua - através de elementos que indicam a proximidade da referência no contexto compartilhado por locutor e interlocutor: “A deixis constitui, assim, o modo como está gramaticalizada, nas línguas naturais, a dependência entre a linguagem e o contexto” (Fonseca 1996, p. 437).

The single most obvious way in which the relationship between language and context is reflected in the structures of languages themselves, is through the phenomenon of deixis. The term is borrowed from the Greek word for pointing or indicating and has as prototypical or focal exemplars the use of demonstratives, first and second person pronouns, tense, specific time and place adverbs like now and here, and a variety of other grammatical features tied directly to the circumstances of utterance. (Levinson 1983, p. 54)

Na língua existe um conjunto de elementos que designam o espaço e o tempo do discurso e a relação entre quem fala e quem escuta; a este conjunto chama-se sistema deíctico da língua. “As expressões deícticas instituem um universo de referências à volta das quais se distribui o fluir do discurso” (Vilela 1999, p. 409).

Uma perspectiva pragmática permite dar uma explicação mais poderosa que as explicações de tipo estrutural para a economia e produtividade da linguagem, sistema finito cujas possibilidades infinitas não decorrem apenas, nem predominantemente da recorrência e flexibilidade combinatória a dois níveis conhecida como dupla articulação: decorrem sobretudo da possibilidade de articulação inferencial entre a linguagem e o contexto que engloba a própria criação do contexto pela linguagem. (Vilela 1999, p. 409)

Como escreve Levinson (1983), a deixis está relacionada com as formas como a língua codifica ou gramaticaliza aspectos estritamente linguísticos, semânticos e pragmáticos que têm a ver com o contexto e com os eventos de fala e, portanto, com o valor dos enunciados a que está ligada a interpretação do contexto. Por tradição, desde Bühler (1934), a Linguística sempre tratou a deixis dividindo três campos distintos entre eles: pessoa, lugar e tempo. Estes três contextos podem ser ligados, respectivamente, a cada um dos polos da tríade que determina as coordenadas enunciativas – EU/TU-AQUI-AGORA (cf. Fonseca 1996).¹ A deixis da pessoa interessa a codificação do papel dos participantes no evento discursivo, ou evento de fala, em que o enunciado é produzido. Portanto, a categoria da primeira pessoa é a gramaticalização das referências que o falante faz de si mesmo, ao passo que a categoria da segunda pessoa identifica as referências que o falante faz sobre outra pessoa.

O presente trabalho quer analisar o uso dos advérbios de lugar *Lá* e *Cá* como dispositivos pragmáticos. Será demonstrado que os termos *Lá* e *Cá*, para além do uso previsto na gramática prescritiva como advérbios de lugar, desempenham também papéis discursivos de tipo textual, contextual e finalmente como marcadores de negação metalinguística. Os dados analisados serão extraídos, como dissemos acima, de um corpus de fala fílmica e serão tratados como exemplos de fala verosímil, permitindo assim transpor as considerações sobre a variedade de língua ficcional, para a variedade de língua não ficcional. As considerações sobre o português europeu contemporâneo (doravante PE) estarão em harmonia com a literatura produzida ao longo dos anos no âmbito dos estudos sintáticos sobre o PE (Martins 2010), sobre os marcadores discursivos (doravante MD) e os MD do PE (entre outros cf. Schiffrin 1987, 1994; Bazzanella 1994, 1995, 2008; Lopes 2016).

2. Os deícticos locativos no PE

Partindo da suposição (nem sempre consensual, cf. Levinson 2005; Anderson and Keenan 1985) de que a base semântica dos locativos é espacial por definição, como muitas gramáticas normativas assumem, há dois tipos de paradigmas: “speaker/anchored distance system” e “speaker/addressee-anchored system”. Como escreve Levinson (2005) o sistema de locativos “speaker-anchored” é usualmente organizado em termos de oposição binária entre o que está próximo do agente e o que está longe dele, com uma maior possibilidade

¹ A estes três pontos cardiais, podemos acrescentar um quarto polo, dito de dêixis circunstancial, relativo à possibilidade de ativação semântica de outros elementos contextuais (que pode ser ativada por meio de conetores textuais como o *assim* cf. Lopes 1985).

de indicar uma distância gradual entre o agente e o objeto do texto – portanto, uma distância entre o *origo* e os objectos referenciados.

Destacaremos aqui apenas o primeiro, que corresponde ao sistema usado pela língua portuguesa. Trata-se de um sistema composto por duas séries de locativos, por um lado, três termos que indicam a distância entre quem fala e quem escuta, colocando o referido pelo deíctico no espaço contextual, isto é, colocando-o gramaticalmente perto do falante, perto de quem escuta e longe dos dois atores da ação discursiva (Cunha e Cintra 1984; Raposo *et alii* 2013). A segunda série deste sistema de locativos é composta por dois elementos que indicam a distância do locutor em relação ao objecto referido (Manoliu 2010). O grupo -á é um sistema binário composto por *Lá* e *Cá*, e o grupo ternário -i composto por aqui, aí e ali; Martins (20102) divide os dois grupos entre fortes e fracos: os locativos fracos não podem ocorrer com gestos e são incompatíveis com o uso deíctico trasposto. Propõem-se, a seguir, os exemplos fornecidos por Martins (2012, p. 228):

1. A: Mostra-me no mapa onde fica Portugal.
B: Aqui/*Cá
2. A: Pões a mesa aqui/ali *cá/lá. (apontando com as mãos ou com os olhos)
3. A: Ele magoou-se aqui/*cá no braço (indicando onde)
4. A: Aqui/*cá começa a história dos dois amantes. (introduzindo uma cena no conto)

Tendo em conta a distância entre o falante e a posição do objecto referido no contexto espacial, é possível resumir como segue na tabela a função dos locativos.

	<i>Aqui</i>	<i>Aí</i>	<i>Ali</i>	<i>Cá</i>	<i>Lá</i>
<i>Falante(s)</i>	+	-	-	+	-
<i>Ouvinte(s)</i>	-	+	-	∅	∅

Tabela 1
Sistema de deícticos e distância entre o sujeito e o objecto do texto.

É importante pôr em evidência que o deíctico demonstrativo, ou locativo, *Cá* não é uma contração do deíctico *aqui*, assim como *Lá* não indica uma distância similar à indicada por *ali*. Em harmonia com quanto exposto por Martins (2012) e Manoliu (2010), o grupo -i indica um espaço físico circunscrito, ao passo que o grupo -á indica uma área menos definida ou um espaço mais discursivo.

3. Os dados usados neste trabalho: a fala fílmica

Primeiramente é útil partir de uma distinção entre dois tipos de fala: espontânea e reproduzida. A primeira é a que todos vivemos durante as interações com os outros; a segunda – variedade diamésica – é uma reprodução planeada em âmbito ficcional, mais ou menos fiel (conforme os casos), da variedade de língua espontânea empregada nas trocas com os nossos interlocutores. A peculiaridade da fala espontânea pode ser (quando não se trata de uma oralidade preestabelecida de tipo formal) a improvisação: isto leva a uma espontaneidade caracterizada por redundância, autocorreção, interrupção e hesitações. No cinema, assim como no teatro e na literatura, os diálogos servem (conforme as escolhas estilísticas do autor) para caracterizar as personagens. Autores da antiguidade como Plauto, Terêncio ou Petrónio já tinham proposto na própria obra diálogos que retomassem as principais marcas da oralidade e da interação conversacional (cf. o *Banquete de*

Trimalquião de Petrónio). No âmbito da cultura portuguesa é possível pensar em Gil Vicente como um dos primeiros a propor no teatro da época (séc. XVI) traços de oralidade: como escrevia Teyssier (2005), o teatro de Gil Vicente é um documento linguístico sobre o Portugal do século XVI. O autor quinhentista português mostra uma extraordinária “galeria de personagens”: cortesãos, frades, lavradores, judeus, pretos, ciganos, padres, criados, capelães, bruxas, regateiras e ainda outros. Ao mesmo modo da fala teatral, a fala fílmica não é espontânea, aliás é adaptada, prefabricada, e com certeza leva em si a reelaboração intelectual do autor; contudo, é planeada para que pareça autêntica. (cf. Melloni 1996; De Rosa 2007).

O corpus utilizado por este trabalho foi construído a partir do trabalho de *découpage* dos diálogos fílmicos (para mais informações cf. De Rosa 2007, 2016; Morleo 2017).² Os filmes portugueses que compõem esta amostra fazem parte do Corpus *I-FALA, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research* (De Rosa *et alii*, 2017). O corpus (ainda em construção) é composto por aproximadamente 40 filmes divididos entre filmes portugueses e filmes brasileiros. Trata-se dum trabalho de transcrição dos diálogos fílmicos a partir da fita sonora e não do script à base da interpretação dos atores. O corpus I-Fala apresenta-se como uma ferramenta útil para o ensino da língua portuguesa e para a análise de vários sociolinguísticos e morfossintáticos do PE e do PB.

4. Lá e Cá na fala fílmica

Primeiramente foram analisadas quantitativamente as ocorrências dos deíticos *Cá* e *Lá* para termos uma base de partida. Essa operação revelou um número mais elevado de ocorrências pelo item *Lá* (798) respeito às ocorrências registadas por *Cá* (315). A distribuição heterogénea dos locativos e o elevado número de *Lá* em alguns filmes, como demonstrado pelas ocorrências por meio do *software* antoconc,³ têm a ver com a densidade linguística e o género dos produtos fílmicos aqui analisados. Não nos parece um acaso o número mais alto de ocorrências do locativo *Lá* fazer parte das comédias como *A Bela e Paparazzo* ou *O pátio das cantigas*, por serem filmes com muitas cenas dialógicas, muitas das quais marcadas pelo uso de registros informais, ao passo que filmes como *Tabu*, com diálogos rarefactos e uma oralidade mais próxima da língua escrita, apresentam um número geral de ocorrências relativamente baixo.

² Tese de doutoramento, inédita.

³ O software utilizado para encontrar as ocorrências no corpus é AntConc: Anthony, L. (2015). AntConc (3.5.0) [Windows]. Tokyo, Japan: Waseda University. Available from <http://www.laurenceanthony.net>

Filme	Nº occ. Cá	Nº occ. Lá
1) Aldeia da Roupa Branca - 1939	24	65
2) O pátio das cantigas - 1942	51	66
3) O Costa do Castelo -1943	35	60
4) A menina da Rádio – 1944	19	51
5) O grande Elias -1950	18	64
6) Saltimbancos – 1952	15	14
7) Rosa da Alfama – 1953	14	26
8) Os verdes anos – 1963	19	49
9) Uma abelha na chuva - 1971	4	5
10) Fragmentos de um filme esmola - 1972	8	15
11) O sangue - 1989	4	15
12) Recordações da casa amarela – 1989	6	19
13) A comédia de Deus - 1995	9	19
14) Adeus pai – 1996	8	20
15) Zona J – 1998	17	59
16) Portugal S.A. – 2005	1	9
17) Julgamento – 2007	9	21
18) A bela e o Paparazzo – 2010	15	72
19) Tabu – 2012	7	7
20) Os gatos não têm vertigens – 2014	16	70
21) O pátio das Cantigas 2015	16	72

Tabela 2
Nº ocorrências Lá/Cá no corpus de referência.

Uma vez obtida uma visão geral dos dois deícticos na nossa amostra, foram analisadas as ocorrências de *Lá* e *Cá* dividindo-as e etiquetando-as entre advérbios locativos (adv_{Loc}), marcadores discursivos (MD) e casos intermédios entre os dois polos ($Adv_{loct/MD}$). Para poder dividir as ocorrências entre estes três conjuntos foi efetuado para cada caso o teste de “optionality” e “non truth-conditionality” (Schiffrin 1987)⁴. Isto é, cada caso foi avaliado com base na sua função e no seu valor no texto em que está presente. Com o teste de eliminação, os vários casos encontrados foram divididos entre os itens tipicamente pragmáticos, identificados aqui com a etiqueta MD, e os itens com valor adverbial de lugar, identificados como adv_{loct} . Como se pode ver no caso 1 o item pode ser eliminado sem alterar minimamente o valor de gramaticalidade e verdade da frase.

- Teste: eliminação do adverbio Lá.
1. O médico disse que... ... Que ele não vai... Desculpa lá, o que é que tu estás a fazer? (*A Bela e Paparazzo*)
O médico disse que... que ele não vai... Desculpa \emptyset , o que é que tu estás a fazer? > MD
 2. Gostaríamos que aparecesses lá em casa para conversarmos. (*Aldeia da roupa branca*)
Gostaríamos que aparecesses \emptyset em casa para conversarmos. > $Adv_{loct/MD}$
 3. Os tempos do Volfrâmio já lá vão. A Sra. Margarida está farta de saber (*Recordações...*)
*Os tempos do Volfrâmio já \emptyset vão. A Sra. Margarida está farta de saber...

⁴ Usa-se aqui um tipo de teste válido para a análise dos MDs tendo em consideração as características destes sinais discursivos assim como foram elaboradas por Schiffrin (1987) e Bazzanella (1994): “I [marcatori] discorsivi sono quegli elementi che, svuotandosi in parte del loro significato originario, assumono dei valori aggiuntivi che servono a sottolineare la strutturazione del discorso, a connettere elementi frasali, interfrasali, extrafrasali e a esplicitare la collocazione dell’enunciato in una dimensione interpersonale, sottolineando la struttura interattiva della conversazione” (Bazzanella 1995, p. 225).

- Teste: eliminação do advérbio *Cá*.
- 4. A: O que é que me aconselha? B: Eu cá não me meto no paladar dos clientes... (*A comédia de Deus*)
A: O que é que me aconselha? B: Eu Ø não me meto no paladar dos clientes... > MD
- 5. A: Agarra-o ou estamos perdidos! B: Cá vou atrás do burro, mas olhe... (*Uma abelha...*)
A: Agarra-o ou estamos perdidos! B: Ø vou atrás do burro, mas olhe... > Adv loct/MD
- 6. Sabes que por cá também faz muito calor? Está tudo mudado. (*A Bela e paparazzo*)
*Sabes que por Ø também faz muito calor? Está tudo mudado. > Advloct

Outros casos duvidosos identificados numa primeira fase como Adv loct/MD demonstraram que o teste de eliminação não sempre é suficiente para esclarecer o valor dos itens examinados. Isto não acontece no caso 2 em que o valor deítico do item especifica o lugar, mas o argumento locativo “em casa” é suficiente para que o enunciado se mantenha gramaticalmente funcionante. No caso do exemplo 3, é possível observar como o apagamento do elemento locativo/discursivo torna o enunciado agramatical. A mesma variação entre as três possibilidades (Adv_{Loc}; Adv loct/MD; MD) repete-se no caso do teste de eliminação do deítico *Cá*, como demonstram os exemplos 4 - 6. Isto deixa claro que, no caso de *Lá* e *Cá*, o teste de eliminação não é suficiente. Portanto é necessário um ulterior teste de substituição que não encontrará espaço neste trabalho (deixa-se para um ulterior desenvolvimento desta análise relativamente aos casos ambíguos entre os dois polos, nomeadamente Adv_{Loc} e MD).

É possível confirmar, em harmonia com Martins (2010, 2012), que seja na fala espontânea seja na fala planeada, os deíticos *Lá* e *Cá* desempenham o seu papel como advérbio de lugar e como operador discursivo. As ocorrências dos itens aqui analisados são opostas: isto é, se no caso do advérbio *Cá* é mais elevado o número das ocorrências como advérbio locativo, no caso do advérbio *Lá* parece ser o contrário, isto é, são mais as ocorrências como MD. Isto levar-nos-ia a pensar que no processo de pragmaticização dos advérbios locativos o item *Lá* desenvolveu funções pragmáticas mais do que o item *Cá*; hipótese que precisaria de ser ulteriormente estudada e investigada com referência à literatura científica (atualmente escassa).

5. Os deíticos usados como MD pós-verbais

Nesta seção serão analisados os casos em que os advérbios de lugar são usados, pelos seus usuários, com valor discursivo e pragmático (MD). Especificadamente, será conduzida uma análise qualitativa das construções do tipo verbo V_{imp} + MD (nestes exemplos é possível substituir *Lá* por *Cá* e vice-versa, o que é um bom teste para uma confirmação ulterior acerca da sua função como MD):

7. A: Ouve lá, empresta-me o portátil, hoje?
B: Ouve lá, bater à porta, não? (*A bela e Paparazzo*)
8. Até logo, filhinha. Mas escuta cá... Tu dá-me a tua palavra de honra... (*O grande Elias*)

Considerando os exemplos 7 e 8 da nossa amostra, podemos reparar como num evento dialógico, State of Affair (doravante SoA; cf. Dik 1997a, 1997b), composto por uma troca entre dois personagens o valor de *Lá* é de indicar no discurso o espaço pertencente ao ouvinte. Tendo em conta a distinção entre *Cá* (positiva) e *Lá* (negativa) – relativamente ao espaço do falante (Vanelli 1992) – é possível traçar um quadro do uso pragmático dos dois

locativos ligados ao verbo imperativo: o falante divide o espaço discursivo conforme o espaço físico entre si e o seu ouvinte, isto é, o outro participante ao SoA. Os deíticos aqui tomados como itens para investigar são, pois, usados pelo sujeito a fim de dar coordenadas discursivas, como no caso de qualquer marcador discursivo (ver entre, os outros, Schiffirin 1987; Lopes 2016).

9. Mas diz-me cá... Qual é o outro motivo da tua visita? (*O Costa do Castelo*)

Os exemplos 8 e 9, onde encontramos os verbos escutar e dizer à forma imperativa com o mesmo deítico, nomeadamente o locativo *Cá*, parecem indicar que a divisão entre espaço positivo e espaço negativo (*Cá/Lá*) tem a ver também com motivações estritamente psicológicas ligadas ao interesse (ou participação ativa) do falante no SoA. Os dois exemplos podem ser vistos da maneira a seguir:

- Escutar na minha direção = ouvinte - ação → *Cá*/falante
- Dizer a mim (na minha direção) = ouvinte - ação → *Cá*/falante

Em virtude de quanto exposto anteriormente, pode funcionar também nos casos com $V_{imp} + Lá$ - como demonstra o exemplo 10 a seguir que, como nos casos anteriores, apresenta um evento dialógico (SoA) entre duas personagens em que A não deixa falar B:

10. A: Olha a dama, vai dar-me um vaípe!

B: Cosmo, foda-se! Deixa-me lá contar isto, a sério! O gajo era só stamina...⁵ (SoA)

11. Bem, deixa-te lá de mistérios e desembucha. (*O grande Elias*)

- Deixar (na tua direção) = falante - ação ← *Lá*/ouvinte

Os exemplos 8 – 10 apresentam situações enunciativas diferentes, nomeadamente em 8 temos, depois de V_{imp} , uma imperativa, em 9 uma interrogativa, e em 10 temos outra construção do tipo $V_{imp} + Lá + V_{inf}$, contudo, a esquematização proposta parece funcionar.

12. Pessoal, vá lá, deixem-me lá contar esta cena. (*Zona J*)

$V_{imp+Lá} + V_{inf}$

Também em casos como o exemplo 11, em que é possível perceber que o sujeito está a relacionar-se com um grupo de pessoas pelo alocutivo plural “Pessoal” (em primeira posição no enunciado) e pela segunda forma imperativa do plural (Pessoal, deixem-me)⁶, é possível o esquema antes proposto como exemplar de subjectivização. Como escreve Levinson (1983), a deixis está relacionada com as maneiras em que a língua codifica ou gramaticaliza aspectos linguísticos que têm a ver com o contexto e com os eventos de fala e, portanto, com o valor dos enunciados a que está ligada a interpretação do contexto.

⁵ (*Zona J*)

⁶ *Lá* parece cristalizado: é um pseudo-imperativo usado como interjeição.

6. Cá e Lá como operador da ênfase textual

Entre as ocorrências de *Cá* como MD, foram individuadas algumas formas que podem ser consideradas como formas cristalizadas:

13. Contratar outro paparazzo? És capaz de me ouvir? Cá para mim essa Mariana... (*A bela e Paparazzo*)
14. Não sei como, mas tu safaste-te. Cá para mim, esse paparazzo... (*A bela e Paparazzo*)
15. Cá para mim, essa Gabriela é uma incompetente. (*A bela e Paparazzo*)
16. E digo-te mais uma coisa. Cá para mim este mundo está a bater... (*A bela e Paparazzo*)
17. Cá na minha, é um atraso de vida. (*A comédia de Deus*)
18. Mas a nobreza dá tristeza. Cá pra mim O nosso bairro... (*A menina da rádio*)
19. Se vocês confiam nos sonhos de amor, cá por mim não quero ser contra vocês... (*A menina da rádio*)
20. Cá para mim era panilas! Panilas? Fazes-te decente. (*Recordações da casa amarela*)
21. 20 dias fora de Lisboa parecem 20 anos. Cá para mim, já me sabe bem chegar... (*Rosa de Alfama*)
22. Eu cá por mim acho indecente o que se lhe... (*Saltimbancos*)
23. ...têm o melhor ataque do campeonato. Cá pra mim, empate. (*Tudo isto é fado*)
24. Voltaste! Cá me parecia que não eras homem para deixar... (*Uma abelha na chuva*)

Como é possível ver nos casos aqui reportados a construção é sempre a mesma e em dois casos (17 e 24) o *Cá* não é eliminável:

- Sujeito 1PS + por/para + *Cá*+ enunciado principal (SoA)
- Ø + por/para + *Cá*+ enunciado principal (SoA)

O esquema acima exposto evidencia quanto o grupo composto por Suj+por/para+*Cá* é fora da afirmação que compõe a parte principal do enunciado (SoA). Tendo em conta quando exposto por Foley and Van Valin (1984), é possível propor uma visão dos enunciados acima apresentados como exemplos (13 – 24) como elementos periféricos do ponto de vista sintáctico, mas focalizadores do ponto de vista pragmático.

<u>Cá para mim</u> ,	essa Gabriela é uma incompetente
↑	↑
<u>Periferia enfático-discursiva</u>	Frase principal

O exemplo acima exposto seria também um claro exemplo de tópico pendente, ou seja, tópico discursivo, em que a Periferia enfático-discursiva não tem um encaixamento sintático da frase principal. É possível afirmar que nestes casos o valor do item *Cá* não é de maneira nenhuma de tipo locativo. Nestes casos o *Cá* funciona apenas como MD utilizado para indicar uma posição “discursiva” do sujeito falante, quer dizer uma opinião própria do sujeito – marcado pelo pronome da primeira pessoa singular a pôr mais ênfase sobre quem está a dar a própria opinião. Esta consideração fundamenta-se no facto de não existir, na amostra de referência, possibilidades do tipo: **Tu cá por ti*; **Ele cá por si*.⁷ É importante notar que não foram encontradas formas deste tipo com *lá*: **eu lá por mim* ou **lá por mim* ou **lá me parecia*; ou seja, nem sempre os dois MD podem variar entre si e isso pode servir como teste para distinguir entre diferentes valores de cada um enquanto MD.

⁷ Acreditamos que esta expressão não exista nem sequer na língua real.

25. Lá isso eu não lhe dizia. (*Aldeia de roupa branca*)
 26. Agora, lá com o bêbado do Chitas eu não ia. (*Aldeia de roupa branca*)
 27. Lá vem ele. Pontualidade britânica. O movimento lento é essencialmente majestoso (*A comédia de Deus*)

Nos exemplos acima podemos ver que também *Lá* pode funcionar como operador de ênfase textual. Nestes casos o operador enfático está sempre antes do verbo. O que parece aqui não confirmada é a adjacência ao verbo: como nos exemplos 25 e 26, parece que não seja obrigatória uma estrita adjacência entre operador e verbo. Para melhor compreender a diferença entre os itens aqui estudados como operadores de ênfase textual e casos que ficam entre uma função e outra, acrescenta-se mais um exemplo (27): em 25 e 26, *Lá* é um Marcador de Tópico Contrastivo. *Lá* pode ser eliminado em 25 e 26, mas não pode ser eliminado em 27. Não há dúvida, no entanto, que 27 envolve ênfase o que significa que o teste de eliminação, só por si não permite separar os casos de Adv_{Loc} dos de MD. O caso 27 parece mais um caso de Adv_{Loc}/MD (que neste trabalho decidiu-se não tratar) já que o valor de localização temporal não está totalmente ausente, como se vem comparando o par *Lá* vem ele/*Cá* vem ele.

7. A pragmática dos deíticos – uma tentativa de conclusão

No âmbito duma visão funcional da língua foi apresentada uma introdução sobre a deixis como setor linguístico entre uso e sistema. Foi proposta uma análise dos locativos *Lá* e *Cá* como exemplos de deixis textual no âmbito do discurso. A seguir, propõe-se uma visão destes elementos (*Lá* e *Cá*) como elementos pragmáticos utilizados pelos falantes do PE enquanto marcadores enfáticos do discurso. À luz desta análise prévia, é possível afirmar que os dados presentes no corpus permitem conclusões claras sobre o uso destes locativos no PE quer seja na fala espontânea quer seja na fala fílmica (planeada), confirmando o que a literatura neste âmbito tem proposto: *Cá* e *Lá* desempenham as mesmas funções permitindo ao usuário atingir os próprios objetivos comunicativos. Contudo, pelos dados aqui analisados, parece o segundo (o *Lá*) mais produtivo nas interações em PE. Quer isto dizer que, embora ambos os locativos funcionem da mesma maneira, as construções pragmático-discursivas com *Lá* são mais frequentes do que as construídas com *Cá*.

OS MDs são elementos que não respondem a regras sintáticas rígidas, quer isto dizer que pode ser apenas considerada uma posição inicial, medial ou final por a maioria deles, ao passo que *Lá* e *Cá* respondem a regras de colocação mais estritas, como foi aqui exposto. Esta importante diferença entre os demais MD da língua portuguesa e *Lá* e *Cá* como operadores discursivos leva-nos a considerar ulteriores análises e comparações, a fim de perceber como identificar melhor os locativos com função pragmática. Finalmente, o uso dos locativos como marcas da oralidade para exprimir argumentação parece típico da língua portuguesa e isto leva-nos a propor *Lá* e *Cá* como marcadores discursivos do PE que podem funcionar como operadores enfático-textuais e internacionais.

Bionota: Francesco Morleo obteve o título de Doutor em LINGUE, LETTERATURE E CULTURE MODERNE E CLASSICHE, com especialização em Língua e Linguística Portuguesa na Università del Salento (Lecce - Itália), em cotutela com a Universidade de Lisboa (FLUL). Ensina Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira na Unisalento (Lecce) e na Unich (Pescara) e na Unior (Nápoli). Participou de vários congressos nacionais e internacionais. As suas áreas de investigação são: a sintaxe funcionalista, o uso dos

corpora para o ensino e a aprendizagem do PLE e os aspetos pragmáticos do português europeu e do português brasileiro. Colaborou na organização de vários eventos como o V Simelp, Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, na Itália.

E-mail do autor: francesco.morleo@unisalento.it

Agradecimentos: Agradeço aos professores Ana Maria Martins e Gian Luigi De Rosa, que leram e comentaram uma versão prévia deste artigo.

Referências bibliográficas

- Anderson J. and Keenan E. 1985, *Deixis*, in Shopen T. (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*, Vol. 1, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 259-308.
- Atlas J.D. and Levinson S.C. 1981, *It-clefts, informativeness and logical form: Radical pragmatics* (revised standard version), in Cole P. (Ed.), *Radical pragmatics*, New York, Academic Press, pp. 1-62.
- Bazzanella C. 1994, *Le facce del parlare. Un approccio pragmatico all'italiano parlato*, La Nuova Italia, Firenze.
- Bazzanella C. 1995, *I Segnali Discorsivi*, in Renzi L., Salvi G. e Cardinaletti A. (a cura di), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, il Mulino, Bologna, pp. 225-257.
- Bazzanella C. 2008, *Linguistica e pragmatica del linguaggio. Un'introduzione*. Roma-Bari, Laterza.
- Benveniste E. 1966, *Problèmes de Linguistique Générale*, Gallimard, Paris.
- Bühler K. 1934/1979, *Teoría del Lenguaje*, 3ªed. Alianza Editorial, Madrid.
- Costa J.E. and Martins A.M. 2010. *Middle Scrambling with deictic locatives in European Portuguese*, in Bok-Bennema R., Kampers-Manhe B. and Hollebrandse B. (eds), *Romance Languages and Linguistic Theory 2*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, pp 59-76.
- Cunha C. e Cintra L. 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Sá da Costa, Lisboa.
- Raposo, E.P. et alii 2013, *Gramática do Português – Vol. I, II*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- De Rosa G.L. 2007, *Parlato filmico e oralità: neostandard e tratti sub-standard nel cinema contemporaneo in lingua portoghese*, in Russo M. (a cura di), *Tra centro e Periferia. In-torno alla lingua portoghese: Problemi di diffusione e traduzione*, Sette Città, Viterbo, pp. 61-84.
- De Rosa G.L. 2016, *Sujeito pleno e sujeito nulo na fala fílmica brasileira contemporânea*, em Ortiz-Preuss E., Couto E. e Nascimento Lima Ramos R.M. (eds), *Múltiplos olhares em linguística e linguística aplicada*, Pontes, Campinas, pp.99-120.
- De Rosa G.L. et alii 2017, *Corpus I-FALA, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*.
- Dik Simon C. 1997a, *The Theory of Functional Grammar: The Structure of the Clause*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- Dik Simon C. 1997b, *The Theory of Functional Grammar Part 2. Complex and Derived Constructions*, Mouton de Gruyter, Berlin and New York.
- Faria I.H. 2004, *O uso da linguagem*, in Mateus M.H.M., Brito A.M., Duarte I., Faria I.H. et alii. 2004, *Gramática da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Caminho, Lisboa, pp. 55-84.
- Fillmore C. 1975, *Santa Cruz Lectures on Deixis*, Indiana University Linguistics Club, Bloomington.
- Fillmore C. 1985, *Linguistics as a tool for discourse analysis*, in Van Dijk T.A. (Ed.), *Handbook of discourse analysis, vol. 1*, Academic Press, London, pp. 11-40.
- Foley W.A. and Van Valin R.D. Jr. 1984, *Functional syntax and universal grammar*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Fonseca F.I. 1996, *Deixis e pragmática linguística*, em Hub Faria I., Ribeiro Pedro E., Duarte I., Gouveia C.A.M. (eds), *Introdução à Linguística Geral e Português*, Caminho, Lisboa. pp. 437-445.
- Fonseca F.I. 1992, *Deixis, Tempo e Narração*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto.

- Fonseca F.I. 1994, *Gramática e pragmática: estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*, Porto Editora, Porto.
- Grice P. 1975, *Logic and Conversation*, in Cole P. e Morgan J. (eds.), *Syntax and semantics*, vol. 3: *Speech acts*, Academic Press, New York, pp. 41-58.
- Gumperz J.J. 1982, *Discourse Strategies*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Heine B. 1991, *Approaches to grammaticalization*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- Lenk U. 1998, *Discourse markers and global coherence in conversation*, in “Journal of Pragmatics” 30, pp. 245-257.
- Levinson S.C. 1983, *Pragmatics*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Levinson S.C. 2005, *Deixis*, in Horn L. (Ed.), *The handbook of pragmatics*, Blackwell, Oxford, pp. 97-121.
- Lyons J. 1968, *Introduction to Theoretical Linguistics*, Cambridge University Press, London.
- Lopes A.C. 2005, *Contributos para uma análise semântico-pragmática das construções com assim* (em colaboração com C. Carapinha), em “Cadernos de Linguística” 5, 2004, pp. 57-80.
- Lopes A.C. 2016, *Discourse Markers*, in Wetzels W.L., Costa J. and Menuzzi S. (eds), *The Handbook of Portuguese Linguistics*, Wiley-Blackwell, Malden.
- Martins A.M. 2010, *Negação metalinguística (lá, cá e agora)*, em Brito A.M., Silva F., Veloso J. e Fiéis A. (eds.), *Actas do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Associação Portuguesa de Linguística, Porto, pp. 567-587.
- Martins A.M. 2012, *Deictic Locatives, emphasis and metalinguistic negation*, in Galves C., Cyrino S., Lopes R., Sandalo F. and Avelar J. (eds.), *Parameter Theory and Linguistic Change*, Oxford University Press, Oxford/New York, pp. 213-236.
- Manoliu M. 2010, *Pragmatic and discourse changes*, in Maiden M., Smith J. and Ledgeway A. (Eds.), *The Cambridge History of the Romance Languages*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 472-531.
- Melloni A. 1996, *Facce del “parlato-recitato” nel cinema spagnolo*, in *Lo spagnolo d'oggi: forme della comunicazione*, Atti del Convegno di Roma, 15-16 marzo 1995, AISPI, Bulzoni, Roma.
- Nencioni G. 1976, *Parlato-parlato, parlato-scritto, parlato-recitato*, in “Strumenti critici” L [X], pp. 1-56.
- Sacks H., Schegloff E.A. and Jefferson G. 1974, *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*, “Language” 50, pp. 696-735.
- Schegloff E.A., Jefferson G. and Sacks H. 1977, *The Preference for Self-Correction in the Organisation of Repair in Conversation*, in “Language” 53, pp. 361-382.
- Schiffrin D. 1987, *Discourse markers*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Sperber D. and Wilson D. 1986, *Relevance: Communication and Cognition*, Blackwell, Oxford.
- Spitzer L. 1922, *Italienische Umgangssprache*, Kurt Schroeder, Bonn/Leipzig.
- Teyssier P. 2005, *A língua de Gil Vicente*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- Vilela M. 1999, *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da palavra, gramática da frase e gramática do texto/discurso*, Almedina, Coimbra.